

## CAPÍTULO 3

# Os cabelos brancos nascem na minha cabeça negra

*Jonas Mendonça Santana*

*Douglas Roque Andrade*

Por que escrevo?

Qual é a regra? Não tem regra, desde que seja por escrito. Essa era a única regra dada como orientação para a produção do trabalho final da disciplina Filosofia da Ciência, do doutorado, do Programa de Mudança Social e Participação Política na USP Leste. Mas como escreveria catarses? Essa disciplina não foi algo comum! Como escrever sentimentos desorganizados? “Quero tentar falar sobre essa experiência!” Nesse mundo colonizado, o sentir vale menos que o pensar. Sempre me dizem para ir à direita, que é o direito, o correto. O pensar é mais poderoso que o sentir; ter e demonstrar sentimentos é perigoso, é vergonhoso, é sigiloso. Mas como sou do contra, quero ir para o outro lado, o frágil, o duvidoso, o coerente. E como a regra é uma só, então tentarei pular no abismo do Boaventura. Não mais resistirei às minhas tripas que sempre dizem para eu pular. Sair dessa zona de conforto e me confrontar comigo e com os outros. Nessa micropolítica dos meus pés com os dos outros, busco compreender melhor quem sou eu e quem são os outros.

Escolhi escrever falando, sem muitas regras, deixando o emocional falar mais que o racional, conversando com a consciência, como numa prosa fluida de mesa

de bar. Valorizando as experiências como ferramentas de conhecimento, dialogando com gerações e antepassados na busca por novas conexões, nas quais o conhecimento possui diversos significados e fontes. Peço desculpas antecipadamente, pois não estou acostumado a escrever biografias, nem sobre meus sentimentos e minhas experiências como ferramenta de conhecimento e pesquisa. Preferi escolher aumentar as chances de errar, mas sabia que poderia ressignificar o conhecimento, a pesquisa e o ser doutorando.

E só agora comecei a compreender por que minha cabeça está com mais cabelos brancos do que negros. Os brancos nunca pararam de crescer na minha cabeça, mas parece que agora, quando comecei a perceber e reconhecer, os brancos pararam de crescer em minha mente.

Por que eu escrevo? Eu tenho que escrever, eu devo, é uma obrigação. Sou um corpo fora de lugar. Histórias de silêncios impostos, vozes torturadas, muitas falas interrompidas. Cercados de espaços brancos, mal posso entrar, ou permanecer. Eu escrevo como uma obrigação para me encontrar. Enquanto escrevo, eu não sou o Outro, mas o Eu, não sou o objeto, mas o Sujeito. Eu me torno o descritor, não o descrito. Eu me torno ator e a autoridade da minha própria história. Eu me torno a oposição absoluta ao que o projeto colonial predetermined. Eu retorno a mim mesma. EU ME TORNO (Kilomba, 2016).

Após assistir à palestra-performance da Grada Kilomba na minha TV, no dia 7 de junho de 2023, uma indicação feita por um colega durante a aula da disciplina Filosofia da Ciência, eu estava em choque, como se o mundo desabasse sobre minha cabeça. Todo o vazio que senti por boa parte da minha vida estava começando a ser preenchido. Foram e são tantas dores, tantos traumas, tantas barreiras, tantas ilusões que eu não sabia quem eu era. Como vivi por 37 anos com tantas mentiras? Como nunca percebi? Foi muito doloroso descobrir que eu tinha a pele negra e muitas máscaras brancas; eu conhecia mais dos brancos do que dos meus verdadeiros ancestrais.

Eu escrevi esse tempo todo no automático; eu não escrevia para mim, eu escrevia e vivia para eles. Escrevia para agradar, para passar de ano, para ser avaliado, para ser enquadrado, para ser certificado, para ser apagado. Na escola, eu me esforçava ao máximo para tirar as melhores notas; em casa, eu era o mais obediente; com os meus amigos, eu tentava ser o mais engraçado e legal. Eu sempre queria agradar, mas hoje eu entendo o porquê. Eu tinha medo de que descobrissem minha verdadeira sexualidade; eu tinha vergonha do que poderiam me chamar na frente dos outros; eu não queria ser visto como uma pessoa ruim, suja, pecadora, nojenta.

Era assim que eu ouvia quando falavam que um homem era gay, em todos os lugares: em casa, na escola, na igreja, na rua e na televisão. Não foi fácil crescer em Itabuna, uma cidade interiorana do sul da Bahia, nos anos 1990.

É muito difícil lutar contra sua própria natureza; mais difícil ainda é deixar de ser você para agradar o senso comum. Você vai renunciando ao seu ser para poder sobreviver e sofrer menos com os preconceituosos. Assume esse papel por tanto tempo que se perde e não vive, apenas sobrevive. Na minha adolescência, eu morria de desejo, mas tinha medo de agir; então, eu escrevia e escondia, como uma forma de viver o que eu sonhava em outro mundo, em outro lugar, nem que esse lugar fosse a minha imaginação. Eu escrevia para sobreviver e só estou conectando e percebendo isso agora, enquanto escrevo e enquanto você lê.

Alguma vez, caro leitor, você teve medo de amar? De amar uma pessoa do mesmo sexo e que os outros descobrissem e te xingassem e até te violentassem por isso? É um sentimento que não desejo a ninguém! E hoje entendo que tudo isso é graças à homofobia.

Meus ensinos fundamental e médio foram bem insatisfatórios (falta de professores) na rede pública, e eu era um dos poucos alunos negros da sala. Eu tinha vergonha de tudo isso e queria de alguma forma encobrir esses fatos, estudando mais, escrevendo mais, tirando as melhores notas. Percebia que minha cor de pele causava algum desconforto nas pessoas, e quando me perguntavam sobre minha cor, eu dizia que era moreno, moreninho, cabo verde, mulato, moreno claro. Na graduação, eu escrevia para me destacar, pois não tinha condições financeiras de estar ali, porque não fui aprovado em universidade pública e fui trabalhar para tentar pagar a faculdade particular. Somente agora, aos 37 anos, durante essa disciplina de Filosofia da Ciência, conheci Fanon. Ao ler esse trecho, muitas fichas caíram:

Para o homem de cor, há apenas três maneiras de ser de algum modo. A primeira é negar a diferença entre si mesmo e o branco. A segunda é defender sua particularidade na solidão. A terceira é lutar pela negação e destruição daquelas estruturas que impedem o nascimento de um autêntico ser-para-si (Fanon, 1983).

Nas minhas pós-graduações e no mestrado, eu escrevia para agradar. Já estava acostumado nesse ambiente acadêmico a ler autores americanos, europeus e até australianos, em que o idioma principal era o inglês e a maioria dos autores era composta por homens, heterossexuais e brancos. Acreditava que esse era o “normal” do mundo acadêmico e que para estar ali eu deveria apenas reproduzir o que me ensinavam, buscando a aprovação ao agradá-los e imitá-los. Somente em 2023, por meio da leitura de Cida Bento em *Pacto da branquitude* é que entendi melhor como

funciona esse mecanismo de conhecimento “branco”. A branquitude precisa ser desnaturalizada e questionada. É preciso reconhecer os privilégios e as vantagens que a posição branca oferece na sociedade. “É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se assim fosse” (Bento, 2022).

Atualmente, no doutorado, eu escrevo por quê? Ainda não sei ao certo como responder a essa pergunta, mas creio que estou em um caminho mais transformador dessa vez. Ao redigir meu pré-projeto de pesquisa para concorrer a uma vaga no doutorado do Programa de Mudança Social e Participação Política na USP, segui as mesmas orientações da época do mestrado: escrita somente na terceira pessoa, tentativa de neutralidade, impessoalidade, autores predominantemente brancos e em sua maioria homens. Estava pronto para sobreviver mais uma vez. Entretanto, como já mencionei anteriormente algumas vezes, ao iniciar a disciplina obrigatória de Filosofia da Ciência, comecei a descobrir um novo mundo, não apenas acadêmico, mas também uma nova possibilidade de sair da mera sobrevivência para um novo modo de viver. Foi como espremer uma ferida; a cada encontro, doía mais; a cada leitura, sangrava mais, mas tínhamos que apertar para melhorar a infecção. Não foram apenas aulas, foram verdadeiras catarses, e vou compartilhá-las um pouco, não somente como uma forma de análise terapêutica, mas também como meio de estruturar a formação de novos conhecimentos e para sangrar mais (como diria a grande Conceição Evaristo). “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra” (Kilomba, 2019).

### Diários de aulas e catarses

Irei me comprometer agora com vocês a explicar da melhor forma possível o que foram esses últimos meses nas aulas da disciplina mais impactante da minha vida. Prometo não conter minhas emoções para favorecer nossa conexão.

No primeiro dia de aula, o que mais marcou e, somente mais tarde, fez sentido, foi a chuva que caiu no caminho para a USP. Para piorar, era uma tempestade, e eu esqueci o guarda-chuva! O bendito aguaceiro não parava, e eu ficava cada vez mais atrasado, tendo que seguir com a chuva caindo sobre mim. Entrei na sala atrasado e encharcado. Uma voz na minha mente dizia que eu deveria me enfurecer por ter que passar por aquilo justo no primeiro dia, enquanto outra voz dizia que estava tudo bem, era só água, apenas um atraso, e eu estava realizando um sonho. Concluí que aquele dia era especial demais para ficar murmurando mentalmente com meus demônios. Como sempre, no primeiro dia de aula, havia muita falação processual, mas quando abriu a fala para os alunos, pude perceber a imensa diversidade de cores, corpos, idades, locais e projetos de pesquisa. Pensei: “Caramba, só tem gente foda e diversa aqui. O que estou fazendo pesquisando esporte e diversidade en-

quanto outros pesquisam temas mais potentes?” Fui embora com uma sensação de euforia e preocupação.

Na segunda aula, já estava mais calmo. A professora, Sílvia Helena Zanirato, abordou as disciplinas e fiquei admirado com a variedade de autores apresentados. A maioria deles era desconhecida para mim, e eu não esperava encontrar essa diversidade no doutorado e na academia. Esperava encontrar apenas autores homens, brancos e do Norte. A professora fez um resumo histórico sobre o conhecimento e a colonização dos saberes, e eu fiquei hipnotizado. Como não tive acesso a toda aquela informação antes? A docente nos orientou que estudaríamos sobre raça, gênero e o conhecimento. Saí da aula animado, ansioso para devorar aqueles textos inéditos e provocantes para mim.

Em uma das aulas, a professora contou como o conteúdo programático e a bibliografia da disciplina sofreram alterações. Por anos, ela havia utilizado apenas autores brancos e europeus, pois era o que haviam lhe ensinado e lhe proporcionava tranquilidade e conforto. No entanto, no meio da pandemia de covid, em uma aula online, os alunos começaram a questionar a pertinência de continuar ensinando Filosofia da Ciência utilizando apenas autores e saberes do Norte, muitos dos quais eram racistas e misóginos. Eles destacaram que estávamos em um país latino e que tínhamos acesso a todo esse conhecimento aqui mesmo, na fonte dos saberes do Sul. A professora ficou apreensiva, pois desconhecia tais autores. No entanto, mesmo tendo firmado um pacto com a branquitude, ela decidiu romper com os seus próprios preconceitos e sugeriu, em conjunto com os alunos, que na próxima aula eles apresentassem os conteúdos utilizando os autores e os conhecimentos deles. No final, ela admitiu que a aula dos alunos foi muito melhor do que a dela, que era ministrada há anos. Juntos, professora e alunos sugeriram e construíram uma nova bibliografia para a disciplina. Desde 2020, estão trabalhando com sucesso com esses novos autores/conteúdos na aula, provocando e transformando alunos, como eu. Sua humildade e seu apoio são atos humanos, éticos e valorosos. Reconhecer isso é nosso dever, pois a sociedade precisa de mais ação, oportunidades e espaços para que esses autores/assuntos possam permear o sistema.

Nas aulas seguintes, embarcamos na leitura de Dussel (1992: *o encobrimento do outro*) e de um capítulo do livro de Fanon. Como eu estava diante de obras que ainda não havia tido a oportunidade de ler, senti como se o tempo tivesse parado. Ao entrar em contato com essas narrativas, fui envolvido por uma mistura de sentimentos, dores e dúvidas, ao mesmo tempo que experimentei um alívio profundo, como se uma ferida estivesse finalmente cicatrizando. Foi nesse momento que encontrei minha essência, e agora entendo que sou Pindorâmico, um filho tanto dos indígenas

quanto da mãe África. A pessoa que antes estava acostumada a agradar e cortejar começou a encontrar a própria voz, a se revoltar, e a coragem substituiu o medo.

Essa jornada me proporcionou apoio e suporte ancestrais, que pareciam estar adormecidos, como se o vento de Iansã, a minha mãe espiritual com quem descobri uma conexão profunda durante as aulas, estivesse remexendo por dentro, despertando energias há muito tempo adormecidas. As leituras e os conhecimentos adquiridos não apenas expandiram meus horizontes intelectuais, mas também me ajudaram a mergulhar nas raízes da minha identidade e compreender a importância de valorizar minhas origens e herança cultural. Esse processo de autodescoberta e empoderamento foi transformador, e agradeço à professora por abrir nossos olhos para um novo mundo de possibilidades acadêmicas e pessoais. O compromisso dela em ampliar os horizontes da disciplina e questionar o conhecimento estabelecido é um ato valioso que transcende as barreiras da academia.

Enquanto continuo nessa jornada de aprendizado e crescimento, sinto-me inspirado a compartilhar esses conhecimentos e perspectivas com outras pessoas, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com suas diversidades culturais e históricas.

Em outra ocasião, eu estava me preparando para apresentar o seminário junto com meu grupo, cujo tema era “conhecimento tem gênero?”. No entanto, eu não queria fazer apenas uma apresentação convencional; estava determinado a realizar uma nova performance que expressasse meu ser em constante transformação. Almejava criar uma experiência coletiva, repleta de momentos de trocas intensas, encenações autênticas e momentos de prática e reflexão. Para isso, dividi a apresentação em três atos (conectando o nascer, o crescer e o conviver), conduzindo todos nós em uma jornada por nossos corpos e mentes. Esse momento foi revelador e me permitiu conhecer um pouco mais sobre minha própria personalidade: sou uma pessoa expansiva por natureza, como o vento que sopra livremente. A apresentação levou mais de 3 horas, e percebi que meus colegas estavam exaustos, mas compreendi a importância de extravasar aquelas ideias que fervilhavam em minha mente.

Essa experiência foi significativa, e pude vivenciá-la em um ambiente acolhedor, como era a nossa sala de aula. O apoio e o calor humano presentes durante aquelas aulas foram essenciais para que eu pudesse me expressar de maneira autêntica. A sinergia que se estabeleceu entre todos os participantes foi algo único, difícil de ser compreendido por quem não esteve presente naquele momento coletivo. Essa experiência reforçou ainda mais meu desejo de buscar caminhos criativos para compartilhar conhecimento e criar um ambiente de aprendizado enriquecedor. Ao desafiar as formas tradicionais de apresentação acadêmica, pude encontrar uma maneira

única de me expressar e conectar-me com meus colegas de turma. Utilizando uma linguagem mais simples e direta, narrando histórias reais, contando experiências minhas e escutando as dos outros, criando uma sinergia.

Nessas aulas, aprendi não apenas sobre o tema do seminário, mas também sobre mim mesmo e sobre a importância de criar espaços de acolhimento e respeito para que todos possam se expressar livremente. Essa experiência me impulsionou a continuar buscando oportunidades para compartilhar minhas ideias de forma autêntica e transformadora, contribuindo para um ambiente acadêmico mais dinâmico e inclusivo.

Na apresentação do seminário, minha proposta era criar uma imersão experiencial coletiva, abordando múltiplas inteligências e promovendo uma aula viva enriquecida com diversas ferramentas culturais, com base no artigo de Verena Stolke, “La Mujer es puro cuento: la cultura del género”. Destaco alguns momentos significativos, como o início, que contou com uma imagem subjetiva de Iansã e a meditação guiada que desenvolvi junto com os alunos, proporcionando à professora a oportunidade de relaxar e meditar profundamente pela primeira vez em sua vida, fato que comentou após o término. Em outro momento importante, decidi realizar uma performance sentado no chão frio e descalço, simbolizando a conexão com a terra, inspirada na abelha rainha, Maria Bethânia. Nesse momento, optei por encenar um abuso sexual que sofri quando criança. Essa escolha foi motivada por um comentário feito por um dos colegas, de forma enfática, durante uma aula anterior, negando que o Brasil não é um país fundado no estupro e na violência.

Compartilhar minha experiência de abuso e dar voz a outros abusos que mulheres de várias gerações da minha família também enfrentaram, além de ler relatos de abusos sofridos por nossos ancestrais nesse solo vermelho, cor de sangue, teve o objetivo de trazer à tona questões importantes sobre violência de gênero e a necessidade de uma reflexão profunda sobre essas questões históricas. Contudo, é fundamental ressaltar que abordar temas tão delicados requer cuidado e sensibilidade, garantindo um ambiente seguro e acolhedor para todos os participantes. Algumas colegas compartilharam, também, durante a apresentação, que já sofreram abusos, promovendo uma conexão. Ao abordar tais temas, é essencial oferecer apoio emocional e espaço para discussões que visem à conscientização e ao entendimento mútuo.

Outra aula que me marcou profundamente foi quando perguntei a um dos colegas como a religião dele entendia e lidava com a homoafetividade. Minha intenção era genuinamente compreender melhor, sem malícia. No entanto, ao ouvir a resposta dele, senti uma mistura de dor e raiva, pois mais uma vez me deparei com o fato de que uma religião considerava a homossexualidade como pecado. Ele afirmou que a religião dele não tinha problemas com a homoafetividade, desde que

não fosse demonstrada publicamente. Isso me fez perceber que, apesar de serem amáveis e cuidadosos em suas palavras e gestos, muitas pessoas ainda escondem suas verdadeiras crenças em relação à comunidade LGBTQIAPN+ em nome da aceitação social. Infelizmente, vivemos em uma sociedade na qual muitos sorriem para nós superficialmente, mas no fundo, desejam nos manter presos em nossos armários, nos julgam pecadores e, em alguns lugares, até mesmo nos punem com leis opressivas. É doloroso saber que, em 2023, ainda existem sete países que aplicam pena de morte para pessoas homoafetivas. O medo e a raiva são compreensíveis diante de uma realidade tão hostil. Além disso, o crescimento da extrema direita e do fascismo em todo o mundo é motivo de grande preocupação. Ouvir figuras como o criminoso André Valadão incitando violência contra a comunidade LGBTQIA+ é alarmante e nos lembra a importância de lutar contra a intolerância e a discriminação.

Em momentos como esse, é crucial buscar apoio e união com aliados que defendem a igualdade e o respeito à diversidade. A conscientização, a educação e o diálogo são armas poderosas contra o preconceito e a violência. Devemos continuar lutando por uma sociedade mais inclusiva, em que todas as pessoas sejam respeitadas e amadas independentemente de sua orientação sexual.

Nas aulas seguintes, mudamos a configuração da sala, e, ao invés de cadeiras enfileiradas, formamos um círculo. Nos intervalos, desfrutávamos de momentos de descontração com um piquenique na sala. No entanto, em algumas dessas aulas, deparei-me com a necessidade de enfrentar dores e traumas que estavam adormecidos em mim. Foi quando percebi que não havia lido obras de autores negros ou da literatura indígena. Ao refletir sobre minha identidade, percebi que em alguns momentos me sentia mais branco do que negro e, em outros, mais negro do que branco. Essa luta interna revelava os conflitos e delírios de um homem negro inserido em uma sociedade dominada predominantemente por brancos. Ao abordar essas questões nas aulas, senti uma mistura de raiva, inveja, revolta e dor. No entanto, conforme lia, estudava e me aprofundava nesses temas, algo terapêutico aconteceu em mim. Gradualmente, senti que estava me libertando de camadas de condicionamentos impostos e, ao mesmo tempo, conectando-me mais profundamente com minha identidade e com minha comunidade.

As catarses emocionais foram seguidas por momentos de clareza e compreensão. Percebi que a escrita poderia ser uma forma libertadora de expressão, um meio para abandonar conceitos que não me pertenciam e, ao mesmo tempo, um caminho para me tornar mais autêntico em relação a mim mesmo. Esse processo de autoconhecimento e aceitação pode ser desafiador, mas também é transformador. Ao buscar compreender minha própria história e as histórias de outros grupos marginalizados,



encontrei uma jornada pessoal de crescimento e amadurecimento. O aprendizado contínuo e o diálogo com a diversidade cultural abriram caminhos para uma maior conexão comigo mesmo e com aqueles que compartilham experiências semelhantes. É importante valorizar esse processo de transformação e reconhecimento de nossa identidade, pois é por meio dele que podemos crescer como indivíduos e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Após as catarses, vêm os esclarecimentos. Percebi que poderia escrever para me libertar, para deixar de ser algo que não sou, para ME TORNAR. A branquitude não é de pessoas brancas, porque as pessoas brancas também foram capturadas pela branquitude. Branquitude é um arranjo material social que também tomou corpos e leva corpos e usa esses corpos para a modelagem do mundo (Akomolafe, 2023).

Nós somos capturados pelo colonialismo e pela branquitude, e acabamos presos e imersos nessa estrutura. Apesar das dores e sofrimentos que enfrentamos, a escrita pode ser uma saída e uma possibilidade terapêutica para lidarmos com essas questões. Como a grandiosa bell hooks (2013, p. 59) sugere,

Cheguei à teoria porque estava sofrendo, a dor dentro de mim era tão intensa que eu não poderia continuar a viver. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender, querendo entender o que estava acontecendo ao meu redor. Acima de tudo, cheguei à teoria porque queria fazer a dor ir embora. Eu vi, na teoria, um local para a cura.

Não é preciso aceitar como natural o que é doloroso. Sempre é possível buscar formas de mudar uma realidade, mesmo que seja preciso enfrentar os obstáculos mais difíceis.

A citação de bell hooks é poderosa e inspiradora. Ela nos lembra que não devemos aceitar passivamente as opressões que enfrentamos, mas sim buscar meios de transformar a realidade que nos aflige, mesmo que isso envolva superar desafios e obstáculos difíceis.

A escrita pode ser uma ferramenta valiosa nesse processo. Por meio dela, podemos expressar nossas dores, reflexões e aspirações, desafiando os padrões estabelecidos e expondo as injustiças. Além disso, a escrita pode nos ajudar a encontrar nossa voz e compartilhar nossas histórias, criando conexões com outros que também enfrentam situações similares.

Ao utilizar a escrita como uma ferramenta terapêutica, podemos trabalhar nossas emoções e traumas, trazendo luz à nossa jornada de autodescoberta e cura. Por meio desse processo, podemos encontrar maneiras de nos libertar das correntes da opressão e construir um caminho em direção à liberdade e à autenticidade. A terapia de escrita é uma forma de terapia expressiva que usa o ato de escrever e processar a

palavra escrita como terapia. Escrever o que está sentindo diminui gradualmente os sentimentos de traumas emocionais, por exemplo (Collodel Benetti, 2016).

Além da escrita, eu tive a oportunidade de me aproximar da oralidade. “A vida é começo meio e começo ou seja... geração vó começo, geração mãe meio e geração neta começo de novo... assim como a semente é o começo, a árvore é o meio e a semente o começo novamente” (Santos, 2015). Nunca tinha ouvido falar do Nêgo Bispo, até que uma colega do doutorado me recomendou suas obras, dizendo que ele era “a minha cara”. No dia seguinte, comprei seu livro mais recente, *A terra dar, a terra quer*, e me inscrevi em um curso online ministrado por ele. Foi amor à primeira vista, um nordestino se conectando com outro sempre é um encontro promissor.

Quando Nêgo Bispo fala sobre a geração avó, mãe e neta, começo, meio, começo, percebo que posso mergulhar nesses três níveis geracionais para aprender muito, até mais do que com muitos livros convencionais. Decidi começar pelo início, explorando a minha geração avó. Aproveitando que minha avó está viva, buscar mais diálogo com ela, aproveitando cada conversa; quanto mais aprender sobre ela, mais aprenderei sobre mim também. Às vezes buscamos tanto conhecimento em livros e esquecemos da riqueza de aprendizado que temos ao dialogar com nossa geração avó e mãe.

Ao adentrar nas histórias das gerações passadas, sinto-me inspirado a compreender melhor minhas raízes e a herança cultural que carrego. Encontro nas narrativas de Nêgo Bispo um caminho para reconectar-me com o passado e assimilar saberes ancestrais, que muitas vezes são negligenciados nas fontes de conhecimento tradicionais. Ao honrar as experiências de nossos antepassados, podemos encontrar valiosas lições e perspectivas que moldaram nossa identidade. A busca por essa sabedoria perdida é uma jornada enriquecedora que nos permite reconstruir nossa história pessoal e coletiva.

Assim, com entusiasmo e gratidão, mergulho nas palavras de Nêgo Bispo, sabendo que suas histórias ressoam profundamente com minha própria jornada. Sinto que, por meio de sua escrita, estou me conectando não apenas com a minha geração avó, mas também com as gerações futuras, deixando um legado significativo para aqueles que virão depois de mim.

Conversar com nossa geração avó. Quem não tiver avô, que peça emprestado os avós dos outros. Na sociedade eurocristã mono-teísta a geração avó não tem valor. A família é entendida como mãe-pai-filho. E isso tem um fundo bíblico, porque Deus é pai, mas não é avô. A cosmologia desse povo tem começo, meio e fim. Nós temos começo, meio e começo de novo. A sociedade eurocristã coloca o avô no asilo e o neto na creche. O povo quilombola respeita os mais velhos e as crianças (Santos, 2023).

## Quem sou eu? Quem serei eu?

Nas últimas aulas da disciplina, uma professora convidada compartilhou uma ideia brilhante que ressoou imediatamente comigo: um bom ponto de partida para a pesquisa é investigar quem somos. Essa perspectiva me cativou profundamente, e percebi que minha pesquisa também deveria abordar aspectos de minha própria identidade e de minhas gerações passadas. Seria um resgate histórico e experiencial, uma jornada em busca de compreender a mim mesmo e minhas origens.

Durante o curso da disciplina, passei por uma transformação notável. Ao explorar minha essência, percebi que estava me tornando mais autêntico, menos condicionado por padrões impostos pela sociedade e por medos limitantes. A disciplina, embora intensa, foi verdadeiramente catártica. Em algumas aulas, meu coração se apertava de angústia, mas essa jornada interior foi libertadora.

Reencontrar meu verdadeiro antepassado trouxe uma sensação de liberdade e abriu novos horizontes para mim. Descobri que existem inúmeros caminhos e possibilidades na vida, e essa compreensão me preencheu com esperança e determinação para seguir em frente.

Em meio a essa busca interna, também experimentei sentimentos intensos de raiva e revolta em relação ao sistema em que vivemos. Em certas ocasiões, essas emoções transbordaram durante as aulas, e me permiti expressá-las, inclusive utilizando palavras fortes e palavrões. Essa autenticidade em expressar minhas emoções foi uma forma de contravenção ao que é considerado “aceitável”, e senti que isso era parte de minha verdadeira essência.

Contudo, à medida que avançávamos, encontrei um alívio ao revisitar as ideias de Sigmund Freud sobre a natureza agressiva humana, especialmente em seu texto clássico *O mal-estar da civilização*. Ao reconhecer que a agressividade faz parte da natureza humana, pude compreender que minha reação de raiva e revolta era uma resposta natural diante de um sistema opressor e injusto.

Essa disciplina me proporcionou uma jornada de autoconhecimento, aceitação e transformação. Percebi que, ao abraçar quem sou de verdade, posso abraçar também minha pesquisa com mais paixão e autenticidade. Por causa desse mergulho em “minhas profundezas”, sinto-me mais preparado para enfrentar os desafios acadêmicos e contribuir de forma significativa para o conhecimento coletivo. Essa experiência me mostrou que o processo de pesquisa pode ser uma jornada profunda e enriquecedora, e estou empolgado para continuar minha busca por conhecimento e compreensão.

Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes

instintivos deve-se levar em conta uma poderosa cota de agressividade. Como resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. A história da civilização, de fato, confirma a constatação de Freud sobre a presença recorrente de dominação e violência ao longo dos tempos. Diante dessa realidade, é compreensível que busquemos nos proteger mental e espiritualmente dessa energia agressiva.

No entanto, a evidência também revela que quando a pulsão destrutiva permanece inconsciente, ela tende a se manifestar com ainda mais descontrole, resultando em situações imprevisíveis e muitas vezes prejudiciais. Segundo Freud, não é suficiente manter uma percepção ingênua e idealizada da realidade para mudá-la; é necessário reconhecer nossos aspectos sombrios e assumir a responsabilidade por nossa própria agressividade, sintomas e descontroles.

Um desses mecanismos inconscientes é a tendência de projetar no outro a fonte e o objeto da nossa própria agressividade. Como Freud bem coloca, “é sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade” (2010, p. 136).

Essa compreensão nos convida a um profundo processo de autoconhecimento, durante o qual devemos confrontar nossos impulsos agressivos e não negá-los. Assumir nossa responsabilidade por essas emoções e direcioná-las de maneira construtiva é um desafio crucial para uma convivência mais harmoniosa e uma sociedade mais saudável.

A psicanálise, como nos mostra Freud, nos lembra que não podemos fugir de nossa agressividade, mas podemos aprender a canalizá-la e utilizá-la de forma mais consciente e ética. Ao reconhecer e integrar essa parte sombria de nós mesmos, tornamo-nos mais empáticos, compreendemos melhor as dinâmicas sociais e construímos uma base mais sólida para promover mudanças positivas em nosso entorno.

Em última instância, é importante lembrar que, como seres humanos, somos complexos e multifacetados. A aceitação da agressividade como parte de nossa natureza nos permite abraçar nossa totalidade, compreendendo que as transformações individual e coletiva começam com a coragem de olharmos para nós mesmos, encarar nossas sombras e buscar aprimorar nossa maneira de nos relacionarmos com os outros e com o mundo ao nosso redor.

O ódio e a animosidade têm sido fatores que historicamente uniram movimentos, culturas e sociedades em diversas situações. O nazismo, por exemplo, se construiu em torno do ódio aos judeus, assim como a revolução soviética estava unida

pelo ódio aos princípios burgueses. Em diferentes momentos da história, a figura do inimigo foi manipulada para consolidar o poder, seja pelos impérios europeus com a coisificação de povos e culturas, ou pela extrema direita atual, que propaga uma ameaça comunista delirante.

Entretanto, é importante reconhecer que essa pulsão agressiva não é exclusiva de movimentos radicais ou extremistas, mas também está presente em diversos aspectos da vida cotidiana. Mesmo o pensamento racional e ilustrado pode carregar traços de agressividade, quando posiciona os instruídos contra os ignorantes, os conscientes contra os manipulados, entre outros.

No entanto, devemos entender que a agressividade não é simplesmente uma maldição ou punição após o Éden. Ela é uma pulsão natural, parte da complexidade da experiência humana. Aceitar nossa natureza implica em acolher essa força, buscando compreendê-la e encontrar caminhos saudáveis para canalizá-la.

Essa aceitação não significa justificar a violência ou o ódio, mas sim reconhecer que a agressividade é uma força poderosa e que pode ser direcionada de maneira construtiva. A busca por destinos saudáveis para essa energia agressiva é fundamental para o bem-estar individual e coletivo.

Enquanto sociedade, é importante refletirmos sobre como lidamos com essa pulsão agressiva e buscar maneiras de promover a paz, a tolerância e o diálogo construtivo. Devemos nos esforçar para superar o “nós” e o “eles” do nacionalismo e fomentar um sentimento de união e empatia entre diferentes grupos e culturas.

Por fim, abraçar nossa natureza significa não negar ou reprimir essas emoções, mas sim trabalhar para compreendê-las, acolhê-las e transformá-las em uma força positiva para o bem-estar individual e coletivo. Essa jornada de autoconhecimento e compreensão é essencial para construir uma sociedade mais harmoniosa, justa e pacífica.

A última aula foi bastante intrigante, mas após alguns dias, pude encontrar um novo significado para a experiência. Tudo começou com a greve dos estudantes, que teve início próximo ao último dia de aula. Por votação, a maioria optou por realizar a aula online para não atrasar o calendário. No entanto, sentíamos uma forte conexão uns com os outros e sabíamos que para concluir o curso com êxito e afeto, precisávamos estar juntos presencialmente.

Apesar disso, ficamos descontentes, pois éramos estudantes do Programa de Mudança Social e Participação Política, e a greve em andamento nos incomodava profundamente. A maioria dos alunos optou por participar da aula online, talvez desejando realmente engajar-se na greve. Nesse contexto, pudemos perceber como a teoria difere da prática acadêmica. Ficou evidente que a realidade tem muitos desafios, e enquanto contemplávamos as flores do conhecimento, também éramos confrontados com seus espinhos.

Essa jornada me levou a repensar tudo o que havia aprendido anteriormente: o que realmente é conhecimento? O que significa fazer uma pesquisa? O que torna alguém um pesquisador? E, por fim, o que é ser doutor e o que representa a academia? Reformular todas essas questões foi uma tarefa profunda e transformadora. Descobri que o conhecimento não pode ser limitado apenas ao que está nos livros, mas deve ser vivenciado e experimentado para ter sentido verdadeiro. A pesquisa é mais do que coletar dados e fatos, é um processo de reflexão, questionamento e busca por respostas que nos levam a novos horizontes do saber. Ser pesquisador é ser curioso e estar disposto a explorar os mistérios do mundo ao nosso redor. Afinal, não se trata apenas de acumular informações, mas de como utilizá-las para melhorar a sociedade e promover mudanças positivas.

Quanto ao título de doutor, percebi que ele representa muito mais do que um grau acadêmico. Ser doutor é abraçar o compromisso com o avanço do conhecimento e a responsabilidade de contribuir para um mundo mais justo e inclusivo.

Sobre a academia, compreendi que é um espaço de aprendizado, mas também de desafios. É onde nos encontramos com mentes brilhantes, mas também enfrentamos questões estruturais e hierárquicas que precisam ser revistas e transformadas para uma educação mais democrática e acessível.

Apesar das incertezas e questionamentos, essa jornada de ressignificação trouxe crescimento e amadurecimento. Agora vejo que o conhecimento é uma busca constante, uma jornada repleta de descobertas, desafios e mudanças. E, com tudo o que aprendi, estou motivado a seguir adiante e enfrentar o mundo com um olhar mais crítico e uma atitude mais ativa, buscando contribuir de forma significativa para o avanço do saber e o bem-estar coletivo.

Entretanto, após me deparar com essas falas de Nêgo Bispo, fiquei bastante reflexivo:

O pensamento produzido nas academias é um pensamento sintético. É um saber voltado para a produção de coisas. O pensamento operacionalizado pela escrita é um pensamento sintético, desconectado da vida. Já o nosso pensamento, movimentado pela oralidade, é um pensamento orgânico. Eles chamam os saberes deles de “ciência”, chamam os operadores dos saberes deles de “cientistas”, e chamam os nossos saberes de “saber popular” e “saber empírico”. Enfim, eles colocam várias denominações vazias nos nossos saberes (Santos, 2023).

Após concordar com cada palavra dita pelo brilhante Nêgo Bispo, encontro-me em um dilema sobre como prosseguir vivendo essa falsidade, esse delírio coletivo, e ao mesmo tempo, preservar minha sanidade mental.

As ideias e ensinamentos de Nêgo Bispo ressoaram profundamente em mim, despertando um senso de consciência e compreensão sobre a realidade que antes eu não percebia. Seus conhecimentos trouxeram à tona verdades incômodas, expuseram a complexidade da sociedade em que vivemos e me fizeram questionar as estruturas e normas que por tanto tempo aceitamos sem questionar.

Porém, enfrentar essa nova realidade também traz desafios. Ao questionar a ordem estabelecida e as estruturas sociais, percebo que posso me tornar uma espécie de estranho em meu próprio meio. E é nesse ponto que a sanidade mental é colocada à prova. Enquanto a jornada pode ser difícil e solitária em alguns momentos, sei que estou trilhando um caminho de autenticidade e integridade.

Conceitos que achamos que se parecem muito com os de “bem viver” e de “viver bem” são o “viver de forma orgânica” e o “viver de forma sintética”. Bem viver é viver de forma orgânica e viver bem é viver de forma sintética. Compreendemos que há um saber orgânico e um saber sintético. Enquanto o saber orgânico é o saber que se desenvolve desenvolvendo o ser, o saber sintético é o que se desenvolve desenvolvendo o ter. Somos operadores do saber orgânico e os colonialistas são operadores do sintético (Santos, 2015).

Agora, desejo transformar meu saber sintético em algo orgânico, mas será possível? Essa pergunta ainda permanece sem resposta clara, no entanto, uma certeza se destaca: eu vou arriscar, já estou arriscando aqui mesmo, ao escrever este texto. A força para seguir esse novo caminho veio, em grande parte, de uma entrevista do Nêgo Bispo. Nessa entrevista, ele expressa sua visão sobre a importância de buscar a verdade, a autenticidade e a conexão com suas raízes ancestrais. Ele fala sobre como o conhecimento adquirido precisa se tornar parte de quem somos, uma essência que permeia nossa existência. Ele enfatiza que o conhecimento não é um conjunto de informações isoladas, mas uma experiência que deve ser vivida e internalizada.

Essa perspectiva ressoou profundamente em mim, inspirando-me a mergulhar em uma jornada de autodescoberta e aprofundamento do meu próprio conhecimento. Afinal, o conhecimento apenas acumulado em nossa mente pode ser vazio, mas quando integrado a nossa essência, torna-se parte de nós, molda nossas ações e influencia positivamente nossas escolhas.

O Nêgo Bispo nos lembra que essa busca não é linear, nem sempre haverá respostas prontas e definitivas. Mas é por meio do risco, do questionamento e da busca constante que encontraremos nosso caminho. À medida que abraçamos essa jornada, aprendemos a lidar com as incertezas e a encontrar significado em nossas experiências.



Enquanto me aventuro nesse processo de transformar meu saber, sinto-me impulsionado a explorar novos caminhos e perspectivas. Acredito que ao me abrir para novas possibilidades, posso transcender a mera acumulação de conhecimento e me tornar mais conectado com minha própria essência e com o mundo ao meu redor.

A busca por um conhecimento orgânico é desafiadora, mas é também uma oportunidade para crescer, evoluir e contribuir positivamente para a sociedade e para aqueles ao meu redor. Nessa jornada, sei que encontrarei obstáculos, dúvidas e momentos de questionamento, mas o que importa é a coragem de arriscar e seguir em frente.

Como cultivar palavras que germinem vida e não violência em um ambiente acadêmico hierárquico e colonizado? Essa pergunta ainda carece de respostas definitivas, mas é um ponto importante para minha busca. Agora, busco compreender quem serei após a disciplina de Filosofia da Ciência e como aplicar esse conhecimento em meu trabalho. Ainda há muito a explorar, mas estou comprometido em encontrar meu caminho nessa jornada.

### Inconclusões colaborativas e imaginários

Nesse percurso de 2023, aprendi que as perguntas são mais valiosas do que as respostas, pois nos movem e nos impulsionam. Por que sempre buscamos conclusões? A vida não segue um caminho linear como nos ensinaram, ela é circular e inconclusiva. Nossas maiores certezas são as múltiplas incertezas que nos levam em busca do conhecimento. Abandonei a ideia judaico-cristã de destino e adotei a visão de imaginários, para quem cada vida é genuinamente importante, e todos nós somos essenciais nesse ecossistema. Desejo transformar certificação, adestração, colonização e competição em uma chamada para a colaboração, união em prol do bem viver, em que todos possam verdadeiramente prosperar juntos.

Sinto-me muito feliz por compor está escrita com mais de 90% da bibliografia composta por autores e autoras negros, latinos e conterrâneos nordestinos, iniciando a decolonização da minha base teórica e da minha escrita. É como se uma borboleta morpho azul estivesse saindo do casulo com a ajuda da minha mãe vento, rainha dos raios (foi ela quem fez a tempestade de festa no meu primeiro dia de aula). Que os ventos me guiem e te guiem para tempos melhores.

E agora, os brancos na minha cabeça não me incomodam mais, pois decidi raspar os meus cabelos bem baixinho! A “cabeça”, ou melhor, a mente pode transformar uma pessoa em rei, e é assim que agora desejo cuidar da minha mente. Nessa perspectiva, reside nossa esperança, não apenas esperar passivamente, mas “esperançar” do Paulo Freire; continuar a luta por um lugar melhor. É por isso que estou escrevendo agora. E isso é apenas o começo...



## REFERÊNCIAS

- AKOMOLAFE, B. *Why we need postactivism today*. Palestra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HGlbUqEizNY>. Acesso em: 12 jul. 2023.
- BENETTI, I. C.; DE OLIVEIRA, W. F. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 67–76, 2016. DOI: 10.5007/cbsm.v8i19.69050. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69050>. Acesso em: 21 mai. 2024.
- BENTO, C. *O pacto da branquitude*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DUSSEL, E. *1492: o encobrimento do outro – a origem do mito da modernidade*. Conferências de Frankfurt. Petrópolis: Vozes Editora, 1993.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.
- FANON, F. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FREUD, S. *O mal-estar da civilização: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. Rio de Janeiro: Philos, 2020. 1ª edição.
- HOOKS, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KILOMBA, G. *Descolonizando o conhecimento: palestra-performance de Grada Kilomba*. 2016. Tradução de Jessica Oliveira. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- KILOMBA, G. *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- SANTOS, A. B. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, A. B. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCT/UnB, 2015.
- STOLKE, V. La mujer es puro cuento: la cultura del género. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 77-105, 2004.

